

*SERVIÇO DE TECNOLOGIA ALTERNATIVA – SERTA*  
*MOVIMENTO DE ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA – MOC*  
*PROPOSTA EDUCACIONAL DAS DUAS INSTITUIÇÕES*

Esse texto foi produzido em setembro de 2001, a pedido da CONTAG, para subsidiar a preparação da audiência coletiva do Conselho Nacional de Educação, realizada no dia 2 de outubro de 2001, com os grupos sociais e experiências de Educação no Campo. Pelo desdobramento que teve, com a elaboração e aprovação da resolução que definiu as Diretrizes Operacionais da Educação no Campo, vale a pena divulgar nessa coletânea. O Texto apresenta uma síntese da PEADS.

**Elaboração:**

***Abdalaziz e Moura - Graduação em Filosofia e Teologia e Coordenador do SERTA***

[serta@serta.org.br](mailto:serta@serta.org.br) , [moura@serta.org.br](mailto:moura@serta.org.br)

*Naidison Baptista – Mestre em Educação e Secretário Executivo do MOC.*

*Francisca Baptista – Graduação em Letras, Programa de Educação Rural do MOC*

***Eliene Novaes Rocha – Graduação em Pedagogia, Coord. do Progr. de educação rural do MOC.***

***Clodoaldo Paixão – Mestre em Sociologia – Coordenador Pedagógico do MOC.***

[Moca.ba@uol.com.br](mailto:Moca.ba@uol.com.br)

Esse texto é uma produção coletiva do Serviço de Tecnologia Alternativa – SERTA de Pernambuco e Movimento de Organização Comunitária – MOC da Bahia. Ele expressa o pensamento das duas instituições sobre a Educação Rural: o que pensam, o que sonham, o que fazem, que resultados estão alcançando, o que propõem como política. Ambas utilizam as mesmas concepções, princípios e metodologia, tanto no campo formal como não formal da educação rural. Partem de uma reflexão/debate sobre a concepção e papel da educação, Utilizam didática, dinâmica, material pedagógico adaptado aos contextos culturais onde atuam. O objetivo do texto é pontuar de uma forma sintética, o que ambas têm em comum para partilhar com outras pessoas e grupos que pensam, fazem e lutam por uma educação rural.

## **O que levar em conta quando se fala em educação rural.**

### **1. A situação da educação rural.**

Já existe um consenso generalizado sobre as precariedades da educação e da escola rural: os elementos humanos disponíveis, os processos de formação, supervisão e monitoramento, alto nível de evasão escolar e repetência, defasagem idade-série, turmas multisseriadas, infra-estrutura e espaço físico insuficientes, salários desestimulantes. Além dessas condições, impera o preconceito de que a escola rural é para o pobrezinho, o matuto, a criança conformada com a pouca aprendizagem, incapaz de ser avaliada com rigor. O currículo oculto passa a idéia de que o mundo rural precisa ser abandonado por quem quer vencer na vida, uma vez que no rural não há chance de progredir. O referido currículo oculto leva as pessoas e crianças a concluírem que os seus pais são pobres porque são agricultores e não por outras razões. O papel que a escola exerce é aquele de destruidora da auto-estima do agricultor. Favorece ao êxodo.

### **Referenciais de intervenção para melhorar a escola rural.**

Há, hoje, variadas tentativas de interferência para melhorar a educação rural. Boa parte delas, no entanto, parte do princípio que os problemas da educação rural estão apenas nessas carências. A solução, então, é atender às mesmas. As soluções param nesses âmbitos: adaptações de currículos à realidade rural, aumento de material didático, jornada complementar, melhora da infra-estrutura, reforço da merenda escolar, aquisições de equipamentos, auxílio econômico às famílias, formação de professores e etc. Os programas governamentais tipo PETI, Bolsa Escola, e similares, na sua maioria não avançam além dessas soluções. Muitos municípios quando reivindicam uma melhor educação rural, cobram apenas essas iniciativas. Gestores, beneficiários e participantes destes programas satisfazem-se com o alcance desses resultados. Na realidade estas são condições que, com certeza, vão ajudar a escola a desempenhar melhor, o papel que sempre fez: ensinar a ler, escrever e contar, sem se perguntar sobre os porquês e os direcionamentos e intencionalidades destas coisas.

## **Nossos referenciais para pensar a educação rural.**

Pensamos, também, que essas carências fazem parte do problema. Porém, estão longe de ser a parte mais importante. Há questões que estão no alicerce dessas carências. Assim, uma solução para a educação rural precisa atingir os problemas onde estão: na base, nas raízes, nas causas. A intervenção quando atua apenas nas carências, resulta camuflando, escondendo as questões mais profundas. Cria um campo de intervenção tão amplo, mobiliza tantas energias e recursos, gratifica tantas pessoas, traz tantos dividendos políticos, que impermeabiliza as pessoas, quase que as impedindo de mergulharem mais fundo na análise da educação e escola rural. Não se discute o papel que a educação vem exercendo no meio rural. Não se discute qual a cultura e o modelo de desenvolvimento que criaram essa educação e essa escola e são alimentados por elas. Não se questiona sobre os fins, os porquês, os qualitativos. Apenas sobre os meios, o como, o onde, os quantitativos.

## **2. A nossa concepção de educação.**

### **Educação e cultura**

Tanto a escola como a educação rural existe dentro de uma cultura. É dentro da cultura existente, que a escola e a educação são construídas. A educação favorece e reforça a cultura. Segundo Durkheim, a educação é o que os mais velhos ensinam aos mais moços para esses comportarem-se como aqueles. Esse, tem sido o grande papel tradicional da educação. A recíproca, no entanto, também é verdadeira: a cultura favorece e reforça os modelos de educação e de escola. E a cultura é o que está mais profundo nas pessoas e grupos, representa o inconsciente coletivo. É ela que determina os hábitos e costumes. No entanto, a cultura tradicional e vigente exige da escola apenas um papel pedagógico, didático de ensinar a ler, escrever, calcular, como se aprendendo apenas essas coisas, as pessoas estivessem aptas para viver bem e como cidadãos no mundo atual. Os esforços convencionais por uma educação de qualidade reforçam quase sempre apenas esse papel.

Neste campo, por conseguinte, reside um grande desafio se queremos pensar o papel da educação e escola numa dimensão diferente.

### **3. Educação e modelos de desenvolvimento.**

Desenvolvimento com sustentabilidade é hoje um grande consenso. O MOC e o SERTA estão trabalhando educação, para que a escola ajude, reforce, contribua para a criação de um modelo de sustentabilidade onde todos tenham vez e voz, onde as pessoas se vejam como integrantes da natureza, onde a equidade e justiça sejam pontos focais. E, principalmente seja construído a partir da participação e envolvimento de todos. A sustentabilidade terá que ser política, social, econômica e do mundo como um todo. A recíproca também é verdadeira e este novo modelo deve inspirar a educação e a escola. Acreditamos também, que se não for assim, a educação estará trabalhando para outros modelos de desenvolvimento e por eles está sendo reciprocamente reforçada. Nem a educação, nem a escola são neutras diante dos modelos de desenvolvimento. Elas são fruto e semente ao mesmo tempo dos modelos vigentes nas culturas. Em outras palavras, elas – a educação e a escola - são políticas, exercem um papel político, ajudam a construir ou a modificar os modelos que as inspiram. Hoje, a educação e a escola do meio rural, reforçam o modelo insustentável de desenvolvimento. Não dá para pensar sustentabilidade com essa educação.

### **4. Educação e educação rural.**

Só podemos distinguir educação rural de educação urbana, levando em conta essas premissas. Se o papel da escola na área rural for só o de ensinar a ler, escrever e contar, o que se tem a acrescentar na escola rural, é apenas no nível das adaptações didáticas, no nível de atendimento das carências, para que a mesma possa viabilizar melhor o seu papel. Com mais recurso, a escola rural cumpriria melhor esta sua função. Mas, se for para a escola exercer outro papel, se for para ajudar a construir outro modelo de desenvolvimento e por ele se inspirar, algumas tarefas específicas justificam a distinção entre educação rural e urbana. Entre elas, o resgate e o fortalecimento da auto-estima do agricultor familiar. Descobrir o que existe também de prazeroso em ser agricultor, pois o que até agora, a escola fez, foi insistir no vergonhoso e pesaroso. Não se trata apenas de adaptações curriculares, de didática, mas de postura, de filosofia, de visão de mundo, de tarefa política específica no meio rural.

## 5. **Concepção teórico-metodológica.**

As duas entidades pontuam cada vez mais que fortalecem a sua prática, que a riqueza de suas experiências está na concepção filosófica, teórico-metodológica. As ações didáticas, as dinâmicas, os conteúdos são resultados dessa concepção. Não dá para separar essas dimensões daquela concepção. Em outras palavras, a Proposta Educacional prevê um novo e inovador papel para a educação. Poder-se-ia até dizer que, historicamente, esse papel não é novo, pois a escola já a exerce nas culturas onde estão situadas. Novo, seria o contexto. Isto é: Se antes, ela reforçou sempre o modelo de desenvolvimento vigente e por ele foi reforçada, é chegada a hora de fazer o mesmo com o desenvolvimento sustentável: reforçá-lo e por ele ser reforçada. Não haveria nada de novo. Seria apenas fazer o que sempre fez em outros contextos de desenvolvimento.

Esse raciocínio é correto, mas tem um detalhe. É que os modelos tradicionais de desenvolvimento já estão incorporados à cultura, já fazem parte dela. De modo que, a escola já atua reforçando-os ou sendo reforçada por eles, quase que de forma inconsciente. É como se a educação já exercesse culturalmente esse papel. Como um católico, que é católico, simplesmente por conta da família ter sido e não por opção de fé. Esse papel, a educação já exerce de forma tão arraigada e incorporada, que os estudiosos da sociologia do currículo, chamam de **currículo oculto**. E aqui, talvez, resida o cerne da questão. Explicitar o que se faz hoje em termos de currículo oculto e explicitar as premissas da educação que se quer, em termos de apoio ao desenvolvimento sustentável. Na nossa visão, essa tarefa teria de ser explícita. O novo modelo de sustentabilidade, efetivamente, está longe da nossa cultura, da nossa economia, da nossa política, da nossa gestão. Os modelos tradicionais ao contrário, já estão incorporados, aculturados. Para criar nova cultura e novo modelo, só com novos papéis inovadores.

### **Princípios da Educação que baseiam a opção do MOC e do SERTA**

**A escola tem um papel junto aos modelos de desenvolvimento e a cultura**, que precisa ser explícito. Sem explicitar esse papel, as iniciativas para melhorar a educação rural arriscam-se a permanecer na superfície, nos meios e não nos fins. E somente faremos mudanças se nos referirmos às intencionalidades, aos fins e não apenas aos meios.

**O conhecimento não é neutro e é instrumento privilegiado de intervenção na realidade para modificá-la.** Há um modelo novo, que ainda não está incorporado a cultura e precisa ser construído. O conhecimento é uma ferramenta que deve ser usada a favor da incorporação desse modelo na cultura

**Conhecimento, todas as pessoas possuem e podem construir.** Sendo assim, a escola precisa levar em conta os conhecimentos que os pais, os alunos já dominam e todos são aprendizes e mestres, cada um em seu lugar social. Ninguém é dono do conhecimento. Essa convicção muda a postura dos envolvidos no processo.

**A construção do conhecimento passa por paradigmas diferentes dos que estamos acostumados. Hoje trabalhamos um conhecimento compartimentado, separado, espedaçado.** Sem uma visão holística e interdisciplinar não é possível entender a sustentabilidade do desenvolvimento e a ligação da educação com as interfaces do mesmo.

**Os espaços pedagógicos de formação não são apenas os espaços de sala de aula,** mas também aqueles da produção agropecuária, da família, da convivência social, da cultura, dos serviços. A sala de aula é um espaço específico de sistematização, de análise e de síntese.

**A pesquisa não é só uma ferramenta de construção de conhecimento, deve ser também uma postura diante da realidade.** Educando e educador precisam assumir essa postura com senso crítico, curiosidade e “questionamento reconstrutivo” (Pedro Demo) e, ao mesmo tempo, cultivar essa ferramenta como metodologia de ensino e aprendizagem.

**Educação não se faz sem Cidadania, sem participação política, sem envolvimento dos sujeitos sociais no projeto de vida das comunidades.** O Desenvolvimento com sustentabilidade, exige construção, implementação e controle social de Políticas Públicas Sociais Básicas e para o Desenvolvimento. Tudo isso começa na escola.

**A avaliação do ensino e aprendizagem engloba não só os conhecimentos, enquanto conteúdos,** nem só os instrumentos, como também os processos, os produtos, numa dimensão permanente e sistemática, em formas de hétero e auto-avaliação.

**Os conhecimentos novos construídos de forma inovadora, provocam os participantes a novas ações e posturas.** A aprendizagem dirige-se ao aprender a aprender, a ser, a fazer, a conviver como diz a UNESCO. Nós acrescentamos aprender a **compartilhar**.

**Os paradigmas da sustentabilidade supõem novas relações entre pessoas e natureza, entre os seres humanos e os demais seres dos ecossistemas.** A educação para o desenvolvimento leva em conta a sustentabilidade ambiental, agrícola, agrária, econômica, social, política, cultural, de equidade de gênero e intergeracional.

## **6. Metodologia**

A metodologia trata de efetivar e viabilizar esses princípios. É construída em função desses princípios, ou seja, em função dos fins da educação. Precisa viabilizar as crenças, os valores, presentes nos princípios. Na Proposta Educacional das duas entidades só há uma metodologia. Para desenvolvê-la, existem mil técnicas, dinâmicas, variações, adaptadas às circunstâncias locais, ao campo formal ou não formal. O MOC desenvolve a Proposta na região sisaleira da Bahia da primeira a quarta série, o SERTA na zona da mata, do agreste e de transição das duas, em Pernambuco, no meio rural e urbano, da primeira a oitava série. No Estado de Rondônia, a mesma Proposta é aplicada no garimpo de cassiterita, município de Ariquemes. Ambas entidades utilizam a Proposta em parceria com os municípios, no campo formal da jornada regular, como no não formal, da jornada ampliada. No entanto, e essas adaptações são feitas dentro de um roteiro metodológico básico que inclui 4 etapas. Essas etapas não são cronológicas, isto é, não vem uma depois das outras. São ontológicas e dialéticas. Há uma predominância circunstancial de uma sobre outra, no momento que se desenvolve cada uma.

### **Primeira etapa**

Nós utilizamos vários verbos para indicar essa etapa. Cada verbo explicita uma dimensão. Conhecer, ver, levantar dados ou informações, observar, pesquisar através de perguntas, de observação, de 'tempestade de idéias'. Estes verbos significam a primeira aproximação que os educandos fazem com o tema ou a realidade a ser estudada. A construção do conhecimento é feita a partir do que as pessoas já vivenciam, experimentam, sentem ou sabem. Essa primeira aproximação é imprecisa, particular, sensível. Corresponde a um levantamento inicial de saberes, de práticas, dados e informações. O(a) educador(a) pas-

sa como tarefa, como dever de casa, como trabalho escolar, para os alunos, esta aproximação da realidade, na medida do possível, envolvendo, na produção e levantamento destes dados, outras pessoas que não só os educandos, como seus pais, amigos, vizinhos, quer saibam ou não ler. Esta tarefa é imprescindível e importante para o envolvimento da família e da comunidade. (Ver em anexo fichas pedagógicas ou o livro *Escola Rural, uma experiência, uma proposta*, MOC. Feira de Santana-BA, segunda edição. )

### **Segunda etapa**

Com os resultados apresentados pelos educandos em sala de aula, o(a) educador(a) passa a processar os dados, as informações e os conhecimentos trazidos pelas pesquisas e tarefas dos educandos. Usamos os verbos analisar, desenvolver, desdobrar, julgar, aprofundar, computar os dados para análise. Nessa etapa, o conhecimento avança para outro patamar, o(a) educador(a) junta, tematiza, acrescenta, enriquece, desdobra em conteúdos curriculares de matemática, português, ciências, história, cultura, arte. Dependendo do assunto pesquisado pelo aluno, o(a) professor(a) amplia mais ou menos os conteúdos, porém, sempre de uma maneira interdisciplinar. Nesse processo de análise e aprofundamento, faz uso de novas pesquisas. É a primeira etapa sendo usada dentro da segunda. O (a) educador( a) também deve avaliar como foi a pesquisa, as dificuldades que os alunos encontraram, como se sentiram , como foram acolhidos. É a quarta etapa dentro da segunda. A predominância porém, é de aprofundamento.

### **Terceira etapa**

Uma vez os conhecimentos tendo sido desdobrados, aprofundados e analisados, eles serão sintetizados, arrumados para serem apresentados pelos educandos para as famílias ou outros grupos que participaram da construção inicial desse conhecimento. Os educandos e o(a) educador(a) vão dar uma satisfação, fazer uma prestação de contas, do que foram capazes de fazer com as informações iniciais que colheram. E vão provocar as pessoas com o novo conhecimento adquirido, na perspectiva de que daí brote uma ação que ajude a construir o desenvolvimento. Usamos os verbos transformar, agir, intervir na realidade. Se partirmos do princípio de que o conhecimento não deve ser uma mera construção intelectual, e que a escola tem um papel político e pedagógico para com os educandos e a comunidade, é a hora de provocar essa mudança. Os educandos procuram enriquecer essa devolução com recursos artísticos e culturais, como poesia, teatro, gráfi-



cos, desenhos, apresentações animadas. É uma forma de reconstruir os conhecimentos, apropriar-se deles e também uma forma prazerosa de apresentar aos pais.

### **Quarta etapa**

No decorrer de um mês ou mais, a escola já passou por um processo dessas três etapas. Já pesquisou, já aprofundou os dados, já devolveu e envolveu a comunidade ou a escola ou a turma em ações concretas. É chegado o momento de dar um balanço, de avaliar os processos vivenciados, os conteúdos construídos e assimilados, os sujeitos que participaram do processo, e os resultados alcançados. As formas e os instrumentos para fazer a avaliação são as mais variadas, como auto e hetero avaliação. Cada ator avalia o seu envolvimento e aprendizado e avalia os demais. O educando avalia a sua participação, a das famílias e do(a) educador(a), e o(a) educador(a) as famílias também. Não dá para pensar novo papel da escola, sem o seu envolvimento com as famílias e vice-versa. Nessa proposta, todos aprendem e ensinam, todos são co-responsáveis pelo crescimento uns dos outros. Toda essa descrição está exemplificada nas 5 fichas pedagógicas em anexo.

## **7. Conteúdos**

Se a escola e a educação passam a exercer novo papel na comunidade, elas também precisam de novos conhecimentos, novas ferramentas. Para tornar-se cidadão, os educadores e os educandos, precisam ter outros domínios além dos códigos formais da escrita, do cálculo, da leitura e da matemática. Precisam dominar novas habilidades e passar por novas vivências. A escola precisa criar novas ambiências além da docência. Levando em consideração a LDB, as Diretrizes Curriculares Nacionais, os Parâmetros Curriculares nacionais, assim como as recomendações da Comissão Internacional de Educação da UNESCO (aprender a aprender, a ser, a fazer, a conviver e partilhar), podemos sugerir algumas temáticas, conscientes de que devem ser ajustadas de acordo com os níveis dos educandos, o local da escola, as condições subjetivas e objetivas de cada situação. Todas essas temáticas incluem os conhecimentos disciplinares.

Os ecossistemas locais: as relações homem, planta, solo, água, animais, clima, temperatura, microorganismos etc.

Manejo sustentável das culturas e criatórios locais/regionais

Matéria orgânica, técnicas de conservação, correção e adubação do solo.

Controle natural de pragas e doença

Agregação de valor, mercado e marketing

Empreendedorismo e negócios (cultural, econômico financeiro e social)

Formas de Organização do Trabalho (associativismo, cooperativismo, empresas...)

Cultura: história, tradição, festas, lutas, conquistas, valores, identidade étnica, política social, ambiental.

Direitos (códigos do consumidor, das águas, fauna e flora ...)

Constituição e Leis orgânicas de saúde, assistência social e educação.

Terra, produção e produtividade.

### **Práticas e experiências**

Toda essa proposta vem sendo vivenciada desde 1994, com um crescente e contínuo aperfeiçoamento. Inicialmente, foi pensada apenas como uma Proposta de Educação Rural – PER, para as escolas da primeira até a quarta série. O Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, como viabilizou uma jornada a mais, foi uma oportunidade para a ampliação dos municípios que passaram a utilizá-la.. Tanto em PE, como na Bahia, todos os relatórios avaliativos do PETI, colocam as duas experiências como um grande diferencial inovador na aplicação do PETI. Tem sido um exemplo de como programas sociais, compensatórios, podem ser incorporados a dimensões mais estruturadoras, desde que haja decisão política e concepção pedagógica, que incluam mudança de modelos de desenvolvimento. Não é uma proposta só para a sala de aula formal. Tem outros usos.

### **O formal**

Este trabalho é, via de regra, desenvolvido entre ONGs e Prefeituras Municipais e, no caso da Bahia , envolve a Universidade Estadual de Feira de Santana.. As Ongs e Universidade centram-se na formação, assessoramento do planejamento, monitoramento e avaliação das atividades dos professores, cabendo as Prefeituras a execução direta do trabalho, monitoramento e supervisão. É desenvolvido em escolas da rede municipal de ensino, sobretudo, da alfabetização à quarta série, nas seguintes regiões:

Zona da Mata e Agreste em Pernambuco

Região semi-árida (sisaleira), da Bahia, com incursões no recôncavo.

Região do Garimpo Bom Futuro de Cassiterita, - Ariquemes – Rondônia.

Regiões urbanas de pequenas cidades da zona da mata de PE..

### **O não formal**

São aplicadas em 'Jornadas ampliadas' no PETI, nas mesmas áreas acima colocadas. O sucesso acontece quando o município entende que, o ideal não são duas jornadas, onde uma é regular e outra não, onde uma é oficial, permanente, garantida pelo sistema municipal de ensino e outra é passageira, dependente da secretaria de Assistência Social. O ideal é uma proposta com jornada completa de oito horas, que distribui suas atividades de acordo com uma só concepção, um só monitoramento e uma supervisão.

Na microrregião da Bacia do Goitá, o SERTA utiliza no curso de formação de Agentes de Desenvolvimento Local, um curso profissionalizante, que prepara jovens para serem protagonistas das mudanças pessoais e do seu entorno e circunstâncias. Os alunos estudam uma jornada nas escolas dos 4 municípios (Feira Nova, Glória do Goitá, Lagoa de Itaenga e Pombos), zona de transição entre a mata e o agreste. São jovens da oitava série em diante, de 15 a 19 anos. Iniciada a experiência em abril de 2000, já tem provocado muitos impactos positivos nas famílias, nos negócios, nas propriedades, nas escolas, nas igrejas e grupos de jovens, como no município. Trinta por cento são educandos de área urbana e setenta por cento de área rural. Pela manhã, estudam no espaço cedido pelo Ministério de Agricultura e Prefeitura Municipal de Glória do Goitá, a tarde ou noite nas escolas municipais ou estaduais. A experiência tem sido considerada por todas as pessoas que visitam como um referencial para a formação da juventude e do protagonismo juvenil, como para criação de Políticas Públicas para o adolescente.

É uma parceria com a **Aliança com o Adolescente pelo Desenvolvimento do Nordeste**, iniciativa de quatro instituidores: Instituto Ayrton Senna, Fundação KELLOGG, Fundação Odebrecht e Área Social do BNDES. Hoje, a proposta amplia-se na formação de outros atores sociais, como produtores, conselheiros, lideranças de associações, artistas, artesãos, empresários, com as devidas adaptações e a referência aos mesmos princípios fundamentais e metodologia. Varia intensamente, em termos de técnicas, dinâmicas e conteúdos. A Proposta em Pernambuco passou a ser chamada de PEADS - Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável, por conta dos diversos usos (rural-

urbano, ensino fundamental, profissionalizante, formação de lideranças). Antes era PER (Proposta de Educação Rural). Na Bahia é conhecida com o nome inicial das três primeiras etapas CAT (Conhecer, Analisar e Transformar), e tem contado além da Universidade Estadual de Feira de Santana, com apoio decisivo do UNICEF.

Em Pernambuco no município de Vicência, a participação das famílias expressa-se não só no processo de aproximação mútua entre escola e pais, mas também no planejamento da gestão da escola. **O planejamento da escola já é discutido com pais, professores e escola.**

## **Resultados**

Há resultados que são comuns aos sujeitos envolvidos. A auto-estima pela identidade, pela cultura, a valorização de si mesmo, do seu ambiente, a crença na possibilidade de mudar alguma coisa na comunidade, a consciência coletiva, o enfrentamento dos problemas que atingem a comunidade e as pessoas, a solidariedade e o companheirismo, o novo olhar sobre as potencialidades, a formação de Conselhos Escolares com participação dos pais. Além dos resultados específicos.

## **Nos alunos**

Melhora da aprendizagem, comunicação, vitória sobre a timidez de falar em público.

Aumento da capacidade de trabalho em equipe.

Descoberta de que a educação não se dá apenas na sala de aula. A aprendizagem de matemática, português, ciência etc. a partir de vivências concretas da realidade, numa dimensão de interdisciplinaridade.

Projeção de uma visão de futuro.

Desenvolvimento de potenciais artístico-culturais.

## **Nos educadores**

Compromisso com a realidade rural, assumindo o papel de agente de desenvolvimento na área rural.

Adoção das próprias práticas debatidas em sala de aula.

Descoberta da prática de pensar a escola coletivamente e não apenas a sua sala de aula.

Busca de novas adesões.

Professores passam a aprender com os alunos e pais, inclusive aqueles “analfabetos”.

Maior curiosidade em perguntar, pesquisar mais e estudar.

Valorização dos conhecimentos prévios dos alunos.

Desenvolvimento de um novo olhar sobre a escola e a realidade, gerando um Interesse pela vida econômica das famílias, pelo aproveitamento dos terrenos e pelo equilíbrio do meio ambiente.

Crescimento da dimensão cidadã do professor, ao sentir-se responsável pela transformação da realidade, assumindo a dimensão de que para esta transformação há a perspectiva estrutural, mas há também a responsabilidade pessoal.

### **Na comunidade/na família**

Aumento do criatório, da produção agrícola, utilização de novas técnicas de manejo do plantio e criatórios, difusão de galinhas caipiras de raças e linhagens melhoradas, organização de associação e preservação do meio ambiente, tratamento do lixo. Resgate, pela família, da importância da escola e do estudo e valorização do espaço rural (seu trabalho, sua vida). Valorização do conhecimento dos mais velhos; produção de conhecimento em relação à comunidade (o que cria, o que faz, como faz, com quem faz, o que produz, serviços existentes). Maior aproximação entre pais e filhos (geração).

### **No município**

Na zona da Mata, incentivadas pela escola, as crianças realizaram um censo agropecuário, um censo populacional e um ambiental, o que tem levado a iniciativas de reflorescimento, de tratamento do lixo, de incentivo à criação de animais, proteção das matas, despoluição de rios. A Proposta serviu aos gestores como um referencial para pensar o Desenvolvimento Sustentável. Por todas as partes constata-se a escola interferindo em

questões de convivência com o semi-árido, de refletir o trabalho infantil, de ajudar a comunidade em vivências diferenciadas e sustentáveis em relação à água.

### **Educação e interfaces.**

Os processos acima debatidos e refletidos nos mostram as várias interfaces que existem, devem e podem existir no âmbito da educação:

Educação e meio ambiente

Educação e saúde

Educação, produção, renda e trabalho.

Educação, arte e cultura

Educação, biociência e bio-ética.

Educação, democracia e gestão da comunidade. Educação, Justiça, Direito e Cidadania.

*Campo da Sementeira, Glória do Goitá, 13 de setembro de 2001.*